

# A Indústria Chapeleira Sobralense\*

Isorlanda Caracristi<sup>1</sup>

## RESUMO

O objetivo principal deste artigo é utilizar o tema "Indústria Artesanal" para trabalhar a paisagem regional sobralense, mostrando o cotidiano das pessoas e seu espaço de vivência, através de um enfoque dinâmico, cujo contexto histórico passado e atual revele os processos político-econômicos e socioculturais responsáveis pela construção desse espaço e sua cotidianeidade - a Paisagem Geográfica.

## ABSTRACT

This article has as major aim, the utilization of the theme "Handicraft Industry" to work with the regional Sobral's landscape, showing people and their rooms trough a dynamic approach, whose the past and actual historical context reveals the political, economic, social and cultural processes liable to these space building and their quotidian - the Geographical Setting.

A sociedade moderna é essencialmente caracterizada pela indústria e pela urbanização. A industrialização e o crescimento dos espaços urbanos, em detrimento do esvaziamento dos espaços rurais, estão diretamente relacionados entre si e com o processo de desenvolvimento do sistema de produção capitalista.

Com o declínio da sociedade feudal, forçado pelas articulações burguesas, a atividade comercial expandiu-se pela Europa e com ela a necessidade emergente de um novo modo de produção, o qual respondesse pelas exigências da sociedade que se instaurava - a Sociedade Burguesa.

Germinou assim, na Europa Ocidental, as bases da atividade industrial e os preceitos do capitalismo: a produção artesã familiar dava lugar à produção manufatureira, e posteriormente, com a Revolução Industrial (séc. XVIII, na Inglaterra), à produção em larga escala da indústria moderna.

Esse processo não aconteceu indiferentemente em todos os lugares. Essa breve história diz respeito aos países que hoje compõem o chamado Primeiro Mundo ou Países Desenvolvidos, é a história da "industrialização clássica" ou "original".

Ora, o surgimento do capitalismo impôs uma divisão internacional do trabalho: as metrópoles, centros industriais e de desenvolvimento tecnológico, as colônias, fontes de

---

\* Texto desenvolvido para o projeto BEM-TE-VI da TVE/MEC, que subsidiou a produção de um vídeo e de uma apostila sobre a Indústria Chapeleira Sobralense, sendo inseridos no Sistema Telensino.

<sup>1</sup> Geógrafa, Professora e Coordenadora do Curso de Geografia da UVA

matérias-primas e consumidoras compulsórias da produção excedente das referidas metrópoles. Portanto, em função da divisão imposta, a industrialização dos países ex-colônias (já no séc. XX), hoje denominados de Terceiro Mundo ou Subdesenvolvidos, ocorreu diversamente: foi resultado da própria industrialização do primeiro mundo, constituindo-se numa atividade industrial dependente e "tardia".

O Brasil encontra-se nesse contexto, um país capitalista subdesenvolvido industrializado. Paradoxo? Não, com uma produção voltada à exportação, aos interesses do capital estrangeiro (daí os ciclos econômicos: da monocultura canavieira, da pecuária, da mineração, etc.), enfatizou-se o mercado externo, minimizando o crescimento do mercado interno e todos os setores voltados aos benefícios sociais, como saúde, educação, habitação, saneamento básico, alimentação entre outros. O crescimento econômico em prejuízo do desenvolvimento social.

E Sobral? Qual sua inserção nesse contexto? Vejamos. A cidade de Sobral faz parte da chamada Zona Norte do Estado do Ceará, o qual está inserido na Região Nordeste do nosso país. A realidade que vivemos é dinâmica e integrada, o dia-a-dia vivido hoje pelos sobralenses resulta de processos político-econômicos e sócio-culturais, que se inter-relacionam no tempo e no espaço: o presente é o passado de amanhã / a paisagem local é parte da paisagem global, uma influenciando a outra, em processo contínuo de transformação ao longo do tempo.

Por isso mesmo, a industrialização sobralense está intimamente relacionada ao contexto histórico nacional e internacional. Impulsionada pelo ritmo dos ciclos da economia nacional, a história de Sobral configurou-se, basicamente, em quatro períodos ou ciclos econômicos: o do Gado, o do Comércio, o do Algodão e o da Indústria.

O início do povoamento se deu no século XVIII, com o avanço da atividade pecuária ao longo do rio Acaraú, então chamado Acaracú. Diante da paisagem semi-árida que caracterizava a maior parte da região, os cursos d'água eram determinantes no estabelecimento dos povoados.

Na época, a Coroa Portuguesa, sob o domínio da Espanha dividiu o território brasileiro em dois Estados: o Estado do Brasil e o do Maranhão, este último incluía a Capitania do Ceará Grande, que abrangia todo o vale do Acaraú. Ali, no médio curso, ponto intermediário de traslado de gado da Bahia e de Pernambuco para o Maranhão, instalou-se em 1742 a fazenda Caiçara, de propriedade do Capitão Antônio Rodrigues Magalhães e sua esposa Quitéria Marques de Jesus. Surgindo um povoado que desempenhou importante papel regional na produção de carne seca e couros, onde mais tarde foi erguida a cidade de Sobral<sup>1</sup>, elevada a essa condição em 1841, com o nome original de Fidelíssima Cidade de Januária do Acaraú, em homenagem a irmã do imperador D. Pedro II.

Com a estiagem (seca) de 1777 caí a produção pecuária cearense, entrando em cena a produção e o comércio algodoeiro, que com a desestabilização da economia norte americana (Guerra da Independência) e francesa (Revolução Francesa) maiores

concorrentes da época, tornou-se a atividade mais rentável, principalmente para os Estados do Maranhão, Pará, Paraíba e Pernambuco. Estes, tornaram-se Concessionários do Monopólio do Algodão, o que lhes foi conferido oficialmente pelo Governo Português, através de seu Primeiro Ministro, Marquês de Pombal.

O Ceará, no período inicial desse ciclo, beneficiou-se apenas indiretamente, assumindo uma posição de destaque só nos anos de 1800, principalmente devido à construção de estradas de ferro. A produção algodoeira pelas suas alternativas de beneficiamentos e necessidades de escoamento faz emergir um novo setor econômico, o Industrial. Foi assim, que em 1893, foi instalada a Ernesto & Ribeiro (mais tarde Fábrica Sobral), a primeira fábrica de Sobral, tendo como objetivo o beneficiamento do algodão. Nos primeiros anos de 1900, Ernesto Deocleciano<sup>2</sup> empreende pioneiramente uma *fábrica de chapéu de palha* na região, seguido pelos empresários Valdemar Lira, Comendador José Modesto, Francisco Arruda e Guilherme Menezes, estabelecendo assim, a *Indústria Chapeleira Cearense*.

Sobral entra na era industrial, mas ainda sem grande expressão. A ampliação das atividades industriais tornou-se mais significativa a partir de 1965 com os incentivos advindos da SUDENE, surgindo nesse período, seis indústrias ligadas aos ramos de mate-

Tab.1 - Comércio Cearense - Estabelecimentos e Pessoal Ocupado - 1985

MUNICÍPIOS	ESTABELECEMENTOS	PESSOAL OCUPADO
Total - Ceará	25.030	97.465
Sobral	595	2.131

Iplance-1993 (modificada)

Tab. 2 - Indústria Cearense - Empresas Industriais Ativas, por tipo, segundo os municípios - 1991

MUNICÍPIOS	EMPRESAS INDUSTRIAIS			
	Extrativa Mineral	Construção Civil	Utilidade Pública	Transformação
Total - Ceará	84	706	04	6.076
Sobral	02	07	-	155

Iplance-1993 (modificada)

rial de construção, de laticínios, de fruticultura e aos de produtos de palha.

Apesar do investimento no setor industrial, o comércio e a prestação de serviços continuaram sendo as atividades de maior representação na economia local, podendo ser observada nas tabelas abaixo:

Esse ritmo de crescimento econômico evidenciou-se até meados dos anos 80, quando, em conseqüência da conjuntura política nacional e regional, Sobral entra em declínio, perdendo a posição de 2<sup>a</sup> economia cearense (a 1<sup>a</sup> é a de Fortaleza e sua Região Metropolitana), passando posteriormente para a 4<sup>a</sup> posição, ultrapassada por Juazeiro do Nor-

te e Crato, cidades da Região do Cariri, sul do Estado.

Mesmo assim a “Princesa do Norte”, ainda mantém um importante papel político-econômico e cultural (aqui ressalte-se o papel da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA), polarizando atividades que influenciam mais de 50 municípios do Estado - os quais compõem a Zona Norte cearense - e de outros Estados como Piauí e Maranhão.

O resumo histórico ora exposto, mostra-nos o contexto geral dos processos específicos geradores da cotidianidade atual dos que habitam Sobral e seus arredores. Sobral, é uma cidade média, com aproximadamente 108.704 habitantes. É sede do município, o qual abrange 11 distritos, compondo uma população total de 138.565 habitantes, sendo 22.682 rural e 115.883 urbana. Ver tabelas a seguir:

Apesar do predomínio das atividades urbanas, as rurais estão bastante presentes, mesclando-se de tal forma que a apregoada dicotomia rural - urbano, campo - cidade, torna-se frágil. Tal fato pode ser evidenciado nas feiras, no mercado, no grande número

Tabela 3 - População Cearense - População Total segundo os municípios e distritos - 1997

MUNICÍPIOS E DISTRITOS	POPULAÇÃO TOTAL
Total - Ceará	6.809.794
Sobral - Município	138.565
Sobral - Cidade	108.704
Aracatiáçu	5.301
Bonfim	1.124
Caiocá	948
Caracará	1.704
Jaibaras	5.405
Jordão	4.681
Patriarca	1.691
Rafael Arruda	1.746
São José do Torto	963
Taparuaba	6.298
Aprazível	Está incluída na população da cidade de Sobral.

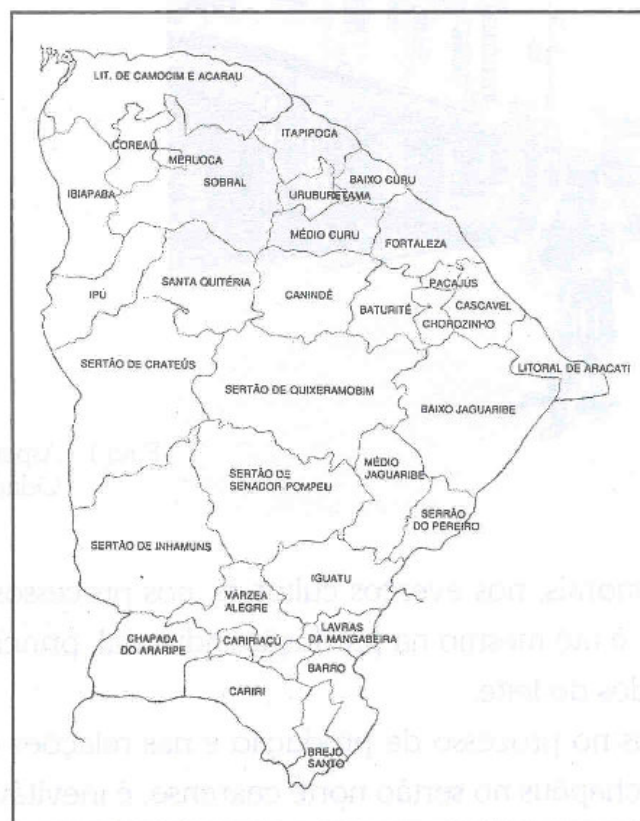
IBGE-1997 (modificada)

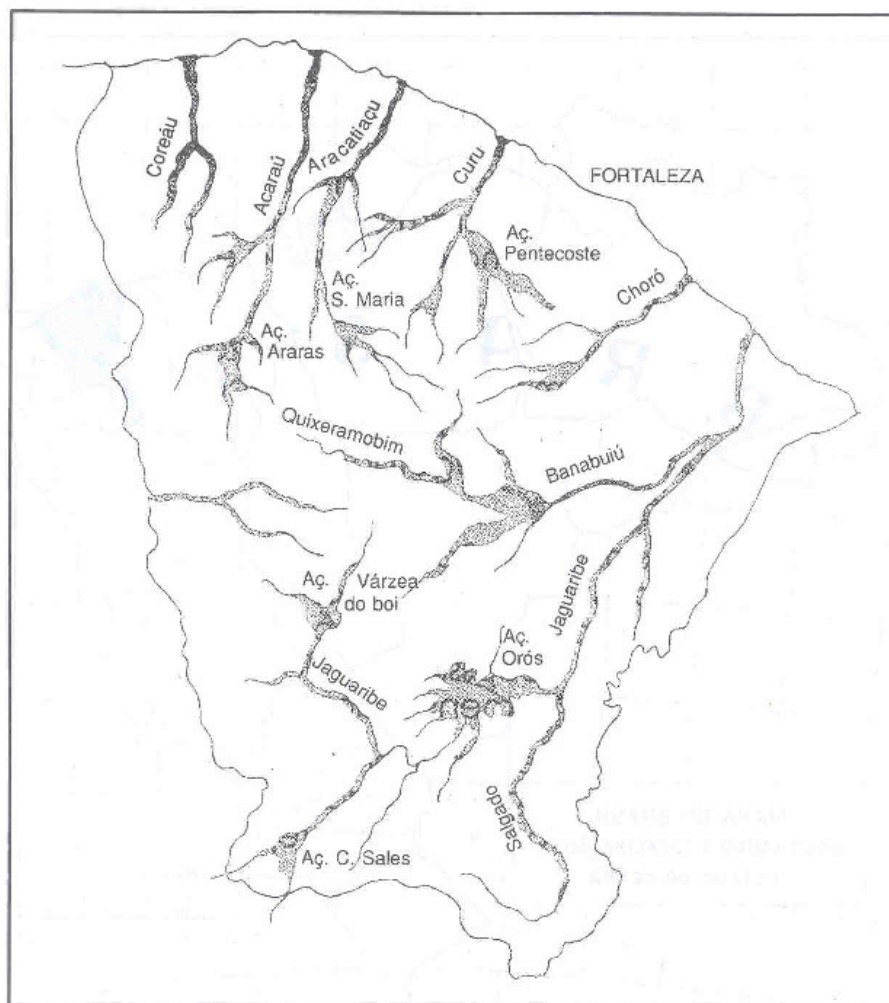
Tabela 4 - População Cearense - Densidade Demográfica (Hab/Km<sup>2</sup>), Taxa Geométrica de Crescimento e Taxa de Urbanização, segundo os municípios - 1991/1996

Municípios	Densidade Demog. 1996	Taxa Geométrica de crescimento anual (%): 91/96			Taxa de Urbanização (%)	
		Total	Urbana	Rural	1991	1996
Total	46,50	1,35	2,50	-1,00	65,40	69,20
Sobral	65,80	1,68	2,86	-2,25	81,47	83,60

IBGE-1997 (modificada)

de vacarias, no trânsito “confuso e difuso” de automóveis, motos, bicicletas, animais, carroças e “pau-de-arara” (caminhão adaptado para o transporte humano), na religiosi-





Rios e Açudes do Ceará

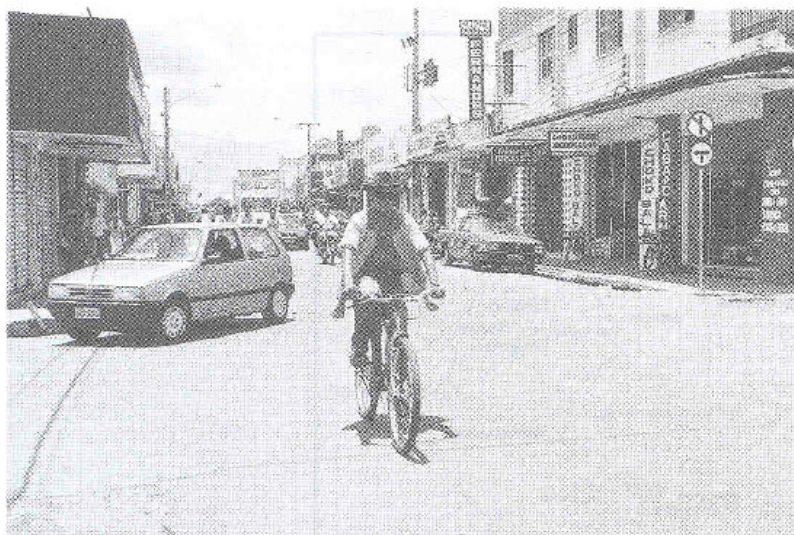


Foto 1 - Aspectos do trânsito na Cidade de Sobral

dade, nos preceitos morais, nos eventos culturais, nos processos político-eleitorais, nas relações de trabalho, e até mesmo na produção industrial, principalmente na produção de chapéus e derivados do leite.

Ao adentrarmos no processo de produção e nas relações de trabalho que envolvem a fabricação de chapéus no sertão norte cearense, é inevitável não fazermos alguns pertinentes questionamentos. *Essa atividade é tipicamente urbana ou rural? Industrial ou*

Foto 2 -Vista geral de um carnaubal

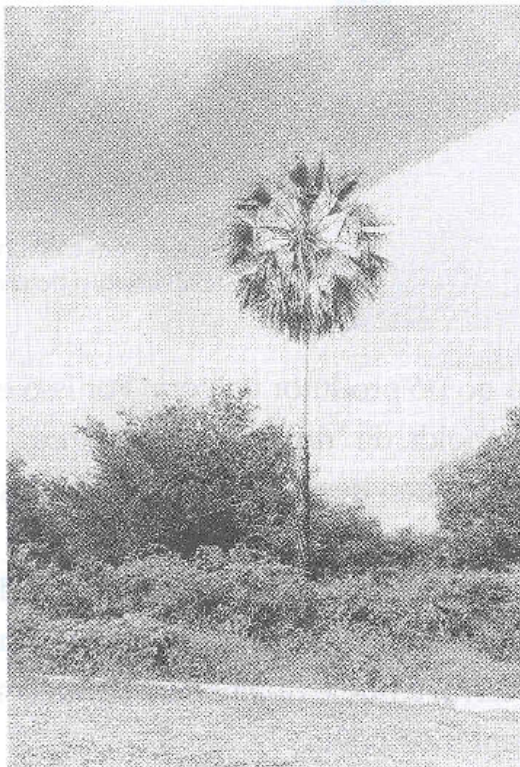
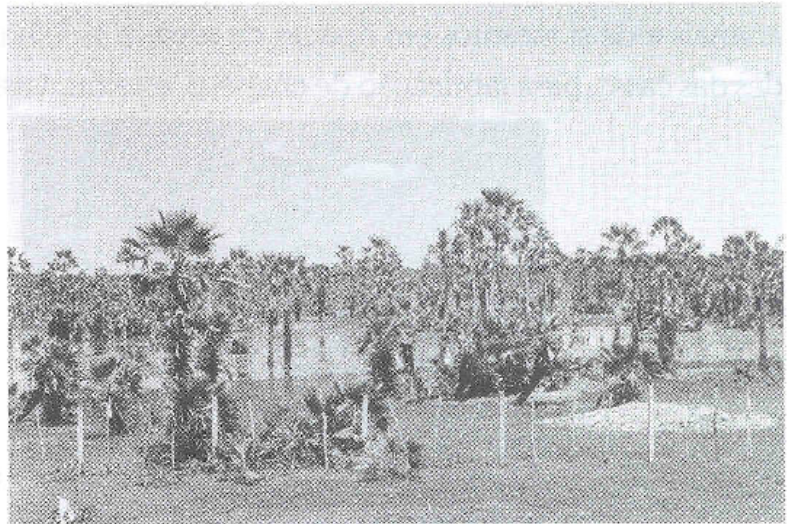


Foto 3 - Detalhe de uma carnaúba

artesanal? A quem denominar “produtores de chapéu”, as chapeleiras ou os proprietários dos meios de produção? Qual a sua função social? Qual o seu papel na conjuntura da paisagem local e regional?

A carnaúba é uma das principais espécies extrativas do semi-árido nordestino, desenvolvendo-se nas áreas baixas circundantes aos recursos hídricos (várzeas e planícies de inundação), constituindo as chamadas matas-galerias ou matas-ciliares. No Estado do Ceará a sua maior ocorrência dá-se nos vales dos rios Coreaú, Acaraú, Jaguaribe e Cauípe.

É um recurso natural renovável de grande utilização pelos sertanejos, os quais aproveitam quase tudo: as raízes, para remédios caseiros e condimentos; as estipes (troncos), para construção de casas, pontes, currais; os frutos e o palmito<sup>3</sup> para o alimento dos

animais e de si mesmos em épocas de seca; e *as folhas*, utilizadas para cobertura e paredes das casas, para fabricação de chapéus, esteiras, vassouras, espanadores, cestas, surrões



Foto 4 - Feiteira em trabalho de acabamento de chapéus

(grandes sacos de palha) e para retirada do pó produtor de cera. Por isso essa palmeira, foi chamada pelo naturalista alemão Humboldt, de “*árvore-da-providência*”. A sua utilização econômica só começou ocorrer no começo desse século com a *industrialização da cera*<sup>4</sup> e do *chapéu de palha*.

Do inter-relacionamento das características naturais de semi-aridez<sup>5</sup> de domínio da vegetação de caatinga<sup>6</sup> e dos fatores sócio-econômicos que refletem numa estrutura fundiária de grandes concentrações de terra, é que é originada a *paisagem regional* que envolve o processo de produção do chapéu de palha.

O processo é iniciado nos carnaubais que são arrendados por atravessadores, os quais arregimentam no período de estiagem, que vai de setembro a dezembro, equipes de trabalhadores que se dividem por tarefas: o *vareiro*, que com uma vara de bambú com uma foice na ponta, extrai em torno de 500 folhas; estas são transportadas até os palheiros onde terão os talos retirados pelos *aparadores* e estendidas ao sol para secarem e se transformarem em palha<sup>7</sup> que será amarrada em molhos pelos *enfiadores*.

A segunda etapa ocorre após o transporte para os aglomerados urbanos, onde as *chapeleiras* também conhecidas como *feiteiras*, compram a palha e em sistema familiar tecem as carapuças<sup>8</sup> (cada chapeleira confecciona em torno de oito carapuças por dia) entrando no circuito a figura do *corretor*, que é um intermediador entre as chapeleiras e o *empresário proprietário da fábrica* que fará o acabamento final (terceira etapa), resultando no chapéu propriamente dito, pronto para a comercialização. Esta, é a quarta e



última etapa.

A *Indústria de Chapéu de Palha*, é a atividade que mais referencia o município de Sobral, o maior exportador de chapéu de palha do mundo, exportando para Espanha (maior demanda), Portugal, México, Estados Unidos, Itália entre outros.

Antes da implantação do Plano Real, eram produzidas 120 mil unidades de chapéu por dia, englobando direta e indiretamente 50 mil pessoas de 19 municípios. Hoje caiu para 40 mil unidades/dia, com o envolvimento de 20 mil pessoas, sofrendo uma queda de quase 40%, refletindo bem a política neo-liberal do Governo Federal: valorização das grandes empresas e do capital estrangeiro em detrimento das pequenas e médias empresas nacionais.

Apesar de sua posição no “ranking” mundial, como vimos, constitui-se numa *indústria tradicional*, caracterizada pelo trabalho artesanal e pela manufatura, fugindo ao perfil da indústria contemporânea.

A contraposição clássica indústria-artesanato transforma-se, numa íntima relação, em algo semelhante a frágil dicotomia cidade-campo existente nas cidades médias nordestinas. O cotidiano e o espaço de vivência das pessoas envolvidas na “*Indústria Artesanal*” de chapéus de palha traduzem com muita eficácia essa dialética.

Não podemos negar os benefícios propiciados em termos de geração de empregos, mas também não podemos ocultar a concentração de renda e os custos sociais dessa concentração. A qualidade de vida dos latifundiários e dos proprietários das fábricas jamais será equiparada ou superada pela dos trabalhadores dos carnaubais e chapeleiras. Estes, são expropriados dos meios de produção, vítimas da lógica capitalista. Enquanto verdadeiros sujeitos da produção de chapéus, recebem pouco ou quase nada pela sua força de trabalho, tornando-se, pela estrutura de poder montada, um fornecedor compulsório e exclusivo dos empresários<sup>9</sup> da indústria chapeleira, que acumulam praticamente quase toda a riqueza gerada pela atividade.

A segregação sócio-espacial que relega as chapeleiras aos bairros pobres periféricos, como os bairros de Alto Novo, Expectativa, Pantanal, Sumaré e Terrenos Novos, revela de forma concreta a dura realidade vivenciada por essas pessoas, que trazem no seu dia-a-dia o esforço da subsistência, a rotina do trabalho e da miséria.

Será que os turistas que visitam a Espanha ou mesmo aqueles que nos visitam, sabem o “peso histórico” que carregam nas suas cabeças? Nos leves e coloridos chapéus de palha? Esperamos que um dia todos saibam, pois a visão romântica passada pelos meios de comunicação de massa em nada contribui para o processo de melhoria dessa realidade.

Será que se a política de desenvolvimento econômico tanto estadual como nacional, valorizassem as atividades de produção local e regional, não haveria uma redução significativa das desigualdades sociais? Se as atividades extrativistas como as derivativas da carnaúba são a princípio conservacionistas, onde a degradação ambiental é mínima

em relação a manutenção da paisagem regional, por que elas são completamente marginalizadas em relação às atividades industriais convencionais, poluidoras e degradadoras? Por que as pesquisas referentes a utilização econômica dos recursos naturais regionais renováveis não recebem o mesmo apoio daquelas relacionadas ao petróleo e outros?

Essas e outras questões podem servir para uma reflexão fecunda e conclusiva.

## Bibliografia consultada

- IBGE – Censo Demográfico, 1997;  
 IPLANCE – Atlas Geográfico, 1998;  
 IPLANCE - Informações Básicas Municipais: Sobral - Fortaleza/Ce, 1993;  
 IPLANCE - Anuário Estatístico do Ceará - 1993 - Fortaleza/Ce;  
 O POVO, Jornal - Caderno Especial "Edição Histórica 223 anos de Sobral", 5 de julho de 1996, Fortaleza/Ce;  
 ROCHA, Almino - História Sócio-Econômica de Sobral - Sobral/Ce;  
 SILVA, Marlene Ma. da - O Norte Cearense - Série Estudos Regionais, Vol.12, SUDENE, Recife/Pe, 1985;

## Pessoas entrevistadas:

- Maria Ielda de Farias - Membro da Cooperativa de Micro-Empresas de Chapéus de Palha - COOPECHAS;
- Wellington Menezes - Proprietário da Casa Guilherme Menezes-Indústria e Comércio de Chapéus;
- Chapeleiras dos Bairros Pantanal, Sumaré e Terrenos Novos.

## Notas

- <sup>1</sup> O nome Sobral vem de Sobro ou Sobreiro, uma árvore portuguesa.
- <sup>2</sup> Nesse momento, já proprietário da referida Fábrica Sobral, posteriormente, Cia de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano.
- <sup>3</sup> Gomo longo e macio retirado do caule das palmeiras.
- <sup>4</sup> A cera da carnaúba possui mais de 150 aplicações no setor industrial
- <sup>5</sup> Altas temperaturas e chuvas escassas, concentradas nos meses de abril, maio e junho.
- <sup>6</sup> Termo originário do idioma Tupi, que significa mata (caa) clara, aberta (tinga).
- <sup>7</sup> A palha é a folha da carnaúba após ser aparada , riscada e seca.
- <sup>8</sup> Chapéu bruto, sem acabamento, vendidos a um preço que varia de 12 a 15 centavos de reais.
- <sup>9</sup> A maior empresa local é a Casa Guilherme Menezes- Indústria e Comércio de Chapéus. Esta trouxe, em 1956, a primeira máquina de beneficiamento e acabamento de chapéus do Ceará.